



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**A CAÇA E A PESCA DE SUBSISTÊNCIA NA COMUNIDADE SÃO JOÃO DO CUPARI,
PORTO DE MOZ, PARÁ**

MARIO BATISTA SOUZA

Porto de Moz

Março, 2026

MARIO BATISTA SOUZA

A CAÇA E A PESCA DE SUBSISTÊNCIA NA COMUNIDADE SÃO JOÃO DO CUPARI,
PORTO DE MOZ, PARÁ

Orientador(a): Felipe Bittioli R. Gomes

Trabalho de Conclusão do curso como requisito
parcial para obtenção do título de licenciado em
Educação do Campo pela Universidade Federal
do Pará

Porto de Moz– PA

Março, 2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- B333c Batista Souza, Mario.
A caça e a pesca de subsistência na comunidade são João do cupari,
Porto de Moz, Pará / Mario Batista Souza. — 2026.
40 f.
- Orientador(a): Prof. Dr. Felipe Bittioli Rodrigues Gomes
Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Altamira, Faculdade de Ciências Biológicas,
Altamira, 2026.
1. Resex Verde para Sempre . 2. Comunidade tradicional .
3. Etnoconhecimento. 4. Etnosaberes. I. Título.

CDD 500

FOLHA DE APROVAÇÃO

**A CAÇA E A PESCA DE SUBSISTÊNCIA NA COMUNIDADE SÃO JOÃO DO CUPARI,
PORTO DE MOZ, PARÁ**

Trabalho de Conclusão do curso como requisito parcial
para obtenção do título de licenciado em Educação do
Campo pela Universidade Federal do Pará

Data da aprovação: ____/____/____

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Felipe Bittioli R. Gomes (orientador)

Faculdade de Etnodiversidade / UFPA

Profa. Dra. (Banca Examinadora)

Faculdade de/ UFPA

Prof. Dr. (Banca Examinadora)

Faculdade de / UFPA

AGRADECIMENTOS

Aos moradores da Comunidade São João do Rio Cupari, que generosamente compartilharam seus saberes, experiências e histórias de vida, e a todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para a realização desta pesquisa, reafirmando a importância do diálogo entre o conhecimento científico e os saberes tradicionais para a promoção da conservação ambiental e do bem-estar das comunidades tradicionais. À gestão da Reserva Extrativista Verde Para Sempre e ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), pela autorização concedida por meio do SISBIO nº 103633-1.

RESUMO

O estudo analisa as práticas de caça e pesca de subsistência na Comunidade São João do Rio Cupari, localizada na RESEX Verde Para Sempre, no município de Porto de Moz, Pará, buscando compreender as dinâmicas de uso da biodiversidade, seus impactos e as possibilidades de manejo sustentável. A pesquisa foi baseada em observações e entrevistas com moradores, e revela elevada diversidade de espécies utilizadas, padrões sazonais associados ao ciclo das águas e forte presença de conhecimentos tradicionais. São consumidos principalmente mamíferos de médio porte, além de quelônios, peixes e aves em menor escala. Os materiais e métodos de caça envolvem armas e esperas, com raros casos de armadilhas. Apesar da consciência ambiental existente, observam-se fragilidades na organização comunitária para o manejo, com práticas heterogêneas e/ou ausência de normas formalizadas, o que tem contribuído para a redução da abundância de algumas espécies.

Os resultados indicam a necessidade de fortalecimento da governança comunitária, educação ambiental e implementação de planos participativos de uso, de modo a conciliar a conservação da biodiversidade com a segurança alimentar e cultural da comunidade.

Palavras chaves: Resex Verde Para Sempre; Comunidade Tradicional; Etnoconhecimento; Etnosaberes

ABSTRACT

The study analyzes subsistence hunting and fishing practices in the São João do Rio Cupari Community, located in the "Verde Para Sempre" RESEX (Extractive Reserve), in the municipality of Porto de Moz, Pará. It aims to understand the dynamics of biodiversity use, its impacts, and the possibilities for sustainable management. Based on observations and interviews with residents, the research reveals a high diversity of species utilized, seasonal patterns associated with the water cycle, and a strong presence of traditional knowledge. Consumption primarily consists of medium-sized mammals, as well as chelonians, fish, and birds to a lesser extent. Hunting materials and methods involve firearms and "esperas" (waiting tactics), with rare instances of trapping. Despite existing environmental awareness, there are weaknesses in community organization for management, characterized by heterogeneous practices and/or a lack of formalized regulations, which has contributed to a decline in the abundance of some species. The results indicate the need to strengthen community governance, environmental education, and the implementation of participatory management plans to reconcile biodiversity conservation with the community's food and cultural security.

Keyword: Verde Para Sempre Resex; Traditional Community; Traditional knowledge; Local Ecological knowledge.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
METODOLOGIA	12
RESULTADOS E DISCUSSÕES	13
CONCLUSÃO	21
REFERÊNCIAS	21
APÊNDICES	23

A CAÇA E A PESCA DE SUBSISTÊNCIA NA COMUNIDADE SÃO JOÃO DO CUPARI, PORTO DE MOZ, PARÁ

SUBSISTENCE HUNTING AND FISHING IN THE COMMUNITY OF SÃO JOÃO DO CUPARI, PORTO DE MOZ, PARÁ

LA CAZA Y LA PESCA DE SUBSISTENCIA EN LA COMUNIDAD DE SÃO JOÃO DO CUPARI, PORTO DE MOZ, PARÁ

Mario batista Souza

Graduando em Educação do Campo

Instituição: Universidade Federal do Pará (UFPA)

Endereço: *Campus* Altamira, R. Cel José Porfírio, 2515, São Sebastião, Altamira, Pará

E-mail: ms7189969@gmail.com

Felipe Bittioli R. Gomes

Doutor em Ecologia e Comportamento Animal

Instituição: Faculdade de Etnodiversidade, Educação do Campo; PPG Biodiversidade e Conservação; PPG Estudos em Etnodiversidade. Universidade Federal do Pará (UFPA)

Endereço: *Campus* Altamira, R. Cel José Porfírio, 2515, São Sebastião, Altamira, Pará

E-mail: felipebrgomes@gmail.com

RESUMO

O estudo analisa as práticas de caça e pesca de subsistência na Comunidade São João do Rio Cupari, localizada na RESEX Verde Para Sempre, no município de Porto de Moz, Pará, buscando compreender as dinâmicas de uso da biodiversidade, seus impactos e as possibilidades de manejo sustentável. A pesquisa foi baseada em observações e entrevistas com moradores, e revela elevada diversidade de espécies utilizadas, padrões sazonais associados ao ciclo das águas e forte presença de conhecimentos tradicionais. São consumidos principalmente mamíferos de médio porte, além de quelônios, peixes e aves em menor escala. Os materiais e métodos de caça envolvem armas e esperas, com raros casos de armadilhas. Apesar da consciência ambiental existente, observam-se fragilidades na organização comunitária para o manejo, com práticas heterogêneas e/ou ausência de normas formalizadas, o que tem contribuído para a redução da abundância de algumas espécies. Os resultados indicam a necessidade de fortalecimento da governança comunitária, educação ambiental e implementação de planos participativos de uso, de modo a conciliar a conservação da biodiversidade com a segurança alimentar e cultural da comunidade.

Palavras-chave: Resex Verde Para Sempre; Comunidade Tradicional; Etnoconhecimento; Etnosaberes

ABSTRACT

The study analyzes subsistence hunting and fishing practices in the São João do Rio Cupari Community, located in the "Verde Para Sempre" RESEX (Extractive Reserve), in the municipality of Porto de Moz, Pará. It aims to understand the dynamics of biodiversity use, its impacts, and the possibilities for sustainable management. Based on observations

and interviews with residents, the research reveals a high diversity of species utilized, seasonal patterns associated with the water cycle, and a strong presence of traditional knowledge. Consumption primarily consists of medium-sized mammals, as well as chelonians, fish, and birds to a lesser extent. Hunting materials and methods involve firearms and "esperas" (waiting tactics), with rare instances of trapping. Despite existing environmental awareness, there are weaknesses in community organization for management, characterized by heterogeneous practices and/or a lack of formalized regulations, which has contributed to a decline in the abundance of some species. The results indicate the need to strengthen community governance, environmental education, and the implementation of participatory management plans to reconcile biodiversity conservation with the community's food and cultural security.

Keywords: Verde Para Sempre Resex; Traditional Community; Traditional knowledge; Local Ecological knowledge.

RESUMEN

El estudio analiza las prácticas de caza y pesca de subsistencia en la Comunidad São João do Rio Cupari, ubicada en la RESEX Verde Para Sempre, en el municipio de Porto de Moz, Pará, buscando comprender las dinámicas de uso de la biodiversidad, sus impactos y las posibilidades de manejo sostenible. La investigación se basó en observaciones y entrevistas con residentes, y revela una elevada diversidad de especies utilizadas, patrones estacionales asociados al ciclo de las aguas y una fuerte presencia de conocimientos tradicionales. Se consumen principalmente mamíferos de mediano porte, además de quelonios, peces y aves en menor escala. Los materiales y métodos de caza involucran armas y "esperas" (acecho), con raros casos de trampas. Apesar de la conciencia ambiental existente, se observan fragilidades en la organización comunitaria para el manejo, con prácticas heterogéneas y/o ausencia de normas formalizadas, lo que ha contribuido a la reducción de la abundancia de algunas especies. Los resultados indican la necesidad de fortalecer la gobernanza comunitaria, la educación ambiental y la implementación de planes participativos de uso, a fin de conciliar la conservación de la biodiversidad con la seguridad alimentaria y cultural de la comunidad.

Palabras clave: Resex Verde Para Sempre; Comunidad Tradicional; Etno-conocimiento; Etno-saberes.

1 INTRODUÇÃO

Povos e Comunidades tradicionais, grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (Brasil, 2007). Dentre estes conhecimentos ancestrais está o

uso da biodiversidade para a caça e pesca como fonte de alimentação destas comunidades, entretanto, há um ténue limiar entre o uso sustentável e o esgotamento dos estoques.

Historicamente, a carne de animais silvestres é uma fonte essencial de proteína e de renda para populações tradicionais indígenas e não -indígenas em regiões tropicais e subtropicais em todo o mundo, além de ocupar um lugar importante nos valores culturais em muitas populações tradicionais (Coad et al., 2019). Entretanto, junto com a destruição dos habitats naturais e a introdução de espécies exóticas, a superexploração durante a caça é considerada como uma das maiores ameaças à biodiversidade (Bertrand et al., 2018).

A caça insustentável representa uma séria ameaça às espécies, ao ambiente e a segurança alimentar de pessoas que necessitam dela para a sua sobrevivência, sendo uma atividade seletiva, que afeta particularmente a fauna cinegética (aves e mamíferos de médio e grande porte) (Peres 1999; Valsecchi et al., 2014), diminuindo as chances de dispersão dos indivíduos e reduzindo sua abundância, o que resulta no esgotamento e fragilidade de ecossistemas (Bello et al., 2015).

Em populações tradicionais com baixa densidade humana e na ausência de outras fontes de impacto antrópico, os efeitos sobre as populações de espécies cinegéticas nem sempre são tão expressivos, de forma que mesmo as espécies terrestres com baixas taxas reprodutivas não são extintas (Pezzuti et al., 2018), entretanto ainda há uma enorme lacuna de entendimento sobre as diferentes dinâmicas de diferentes localidades e populações tradicionais, especialmente em dois focos: 1. Na Amazônia, devido à sua enorme abrangência geográfica; 2. Em comunidades tradicionais não indígenas;

Nesse contexto, neste trabalho focamos nossa atenção na avaliação da caça e pesca de subsistência, desenvolvidas na Comunidade São João do Rio Cupari, localizada na região da Reserva Extrativista “Verde Para Sempre”, no município de Porto de Moz, Pará. Através de uma análise abrangente das práticas de caça, consumo, manejo e seus impactos, buscamos fornecer uma compreensão mais profunda das dinâmicas locais e orientar medidas futuras para promover a conservação da biodiversidade e o desenvolvimento sustentável na região. Além disso, o estudo visou uma abordagem equilibrada entre a preservação da biodiversidade local e as necessidades de subsistência das comunidades tradicionais. Compreender as dinâmicas de uso da biodiversidade para a subsistência na Comunidade São João do Cupari permitirá ainda a proposição de estratégias adaptadas e sustentáveis para garantir a conservação dos recursos naturais e o bem-estar das gerações presentes e futuras.

Além disso, compreender a relação entre práticas tradicionais e conservação torna-se ainda mais relevante diante das mudanças socioambientais recentes, como o avanço de pressões econômicas externas, alterações climáticas e transformações nos modos de vida no campo. Esses fatores podem modificar padrões de uso dos recursos naturais e influenciar diretamente a disponibilidade de fauna e pescado, exigindo novas estratégias de manejo participativo e fortalecimento dos saberes locais. Dessa forma, investigar a realidade da Comunidade São João do Rio Cupari contribui não apenas para o registro científico dessas práticas, mas também para o reconhecimento do papel das populações tradicionais como protagonistas na conservação da sociobiodiversidade amazônica.

2 METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido na Comunidade São João do Cupari, localizada no interior da Reserva Extrativista (RESEX) Verde Para Sempre, localizada no município de Porto de Moz, interior do Pará, às margens do rio Xingu, na porção do Baixo Xingu. As entrevistas ocorreram entre setembro de 2022 a agosto de 2024, de forma descontínua e com acúmulo das informações.

Os levantamentos foram realizados, por meio de um questionário semiestruturado (Apêndice 1), porém aberto à novas indagações e informações adicionais, com cinco caçadores/pescadores residentes na comunidade. Estes cinco entrevistados foram considerados entrevistados focais e formais, porém pelo menos dez outros caçadores e pescadores participaram das entrevistas de forma informal, complementando as informações dos caçadores focais durante as conversas, ocorridas em sua maioria, nas varandas das casas, ao final do dia. As conversas foram desenvolvidas de forma mais informal possível, e vitando constrangimento dos atores, e foram gravadas com celular, e realizadas anotações em caderno de campo. Previamente às entrevistas, houve a apresentação e aprovação de cedência das informações por meio de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 2). Os cinco entrevistados formais assinaram os TCLEs, enquanto os colaboradores não assinaram, porém, ainda autorizando o uso das informações. Através dessas entrevistas, foram obtidas informações, sobre as espécies consumidas e os períodos de maior consumo, práticas de caças adotadas pela comunidade, incluindo as técnicas e equipamentos utilizados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Reserva Extrativista Verde para Sempre foi criada em 2004 no município de Porto de Moz (PA) com o objetivo de regularizar o uso da terra, garantir a proteção do território e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais pelas populações tradicionais. Entretanto, antes mesmo da implementação da unidade de conservação, as comunidades locais já ocupavam esses territórios e possuíam dinâmicas próprias de uso, manejo e preservação dos recursos naturais, baseadas em saberes e normas tradicionais (Brasil, 2004; Nunes et al., 2008). Desde aproximadamente 1976, já estava consolidada a Comunidade de São João do Cupari, ao final do rio Quati, com mais de 300 moradores, que viviam da criação de búfalos, o extrativismo florestal, e saíam para “mariscar”, pescando peixes e quelônios. Entretanto, também já enfrentavam grandes problemas relacionados ao uso e preservação da biodiversidade. Entre a década de 80 e 90, a comunidade de mobilizou fortemente contra a pesca predatória e as grandes geleiras (embarcações com câmaras frigoríficas) de moradores externos à comunidade (da sede de Porto de Moz e de municípios próximos) que utilizavam grandes embarcações e redes não seletivas, luta essa que, infelizmente, não surtiu o efeito desejado que hoje apresenta reflexos negativos, com a percepção da diminuição da abundância do pescado. Como resultado desta experiência e aprendizado, hoje a comunidade se apresenta bastante sensibilizada, e respeita o ciclo das águas, as quantidades e tamanho do pescado, além de caçarem apenas o necessário para a subsistência. Apesar de a comunidade já apresentar um sistema de gestão e controle próprio sobre o uso da caça, não se construiu uma estimativa pretérita de consumo e predação, dados que poderiam melhor subsidiar esse sistema comunitário. Destacamos que, apesar do relativo grande número de moradores para uma comunidade de interior, este controle e regulação é extremamente eficaz, pois há grande comunicação entre os moradores (especialmente aos finais de tarde, durante a “merenda” e após o trabalho), com frequente troca de informações e experiências de sucesso ou fracasso na caça ou pesca nas diferentes áreas abrangidas pela comunidade (obs. Pessoal nas entrevistas na localidade).

Pudemos observar que a região da comunidade São João do Rio Cupari apresenta uma grande variedade de espécies de animais para caça, tanto na terra firme (floresta localizada em ambientes mais elevados, e que se mantém sempre seca) quanto na várzea (denominação geral utilizada tanto para os ambientes florestais alagados sazonalmente, sejam de várzea ou de igapó). As espécies mais mencionadas da caça incluíram, dentre

os mamíferos: pacas (*Cuniculus paca*, 24% das menções), tatus (Dasypodidae spp., 15% das menções), queixada (*Tayassu pecari*, 8% das menções), caititu (*Pecari tajacu*, 10%), cutia (*Dasyprocta leporina*, 6%), veados (*Mazama* spp., 12%), antas (*Tapirus terrestris*, 5%), capivaras (*Hydrochoerus hydrochaeris*, 20%); Aves: pato-do-mato (*Cairina moschata*, 65%), marreca-cabocla (*Dendrocygna autumnalis*, 35%); Répteis: jacarés (Alligatoridae, 35% - aqui incluídos o jacaré-açu, jacaretinga e os pequenos florestais, como jacaré coroa e anão), jabuti (*Chelonoidis* spp., 15%, abrangendo as duas espécies), cabeçudo (*Peltocephalus dumeriliana*, 20%) e tracajá (*Podocnemis unifilis*, 30%). Sobre o pescado, foram citadas 15 espécies de peixes, havendo destaque para o pirarucu (*Arapaima gigas*, 20%), tambaqui (*Colossoma macropomum*, 25%), e tucunaré (*Cichla* spp., 30%). Além dessas espécies principais, também foram citados outros animais caçados ou pescados de forma esporádica, como mutum (*Crax* spp.), jacamim (*Psophia* spp., *aff. interjecta/dextralis*) e peixe-cachorra (*Hydrolycus* spp.), que embora menos frequentes, também fazem parte da dieta e da cultura alimentar local.

De modo geral, os dados indicam que a caça e a pesca na comunidade seguem um padrão de uso diversificado dos recursos faunísticos, com predomínio de espécies abundantes e de fácil acesso, o que reforça o caráter de subsistência e manejo tradicional sustentável praticado pelos moradores. A paca e a capivara foram as espécies mais frequentemente mencionadas, representando juntas 44% das citações entre os mamíferos, enquanto tucunaré, tambaqui e pirarucu corresponderam a 75% das menções relacionadas ao pescado, evidenciando sua centralidade na dieta local.

Os resultados obtidos na Comunidade São João do Rio Cupari revelam que a caça e a pesca constituem muito mais do que simples estratégias de obtenção de alimento: são práticas profundamente enraizadas na cultura, na organização social e na relação histórica dos moradores com o território. Essa constatação dialoga diretamente com Coad et al. (2019), ao evidenciarem que, em regiões tropicais, a carne de animais silvestres representa uma das principais fontes de proteína para populações tradicionais, além de ocupar lugar central em seus valores simbólicos e culturais. Na comunidade estudada, espécies como paca, capivara, tucunaré, tambaqui e pirarucu aparecem como pilares da dieta, confirmando a dependência direta da biodiversidade local para a segurança alimentar. Entretanto, os relatos sobre a diminuição da abundância de determinadas espécies indicam que essa relação histórica com a fauna vem sendo tensionada por novas dinâmicas sociais,

econômicas e ambientais. Esse cenário aproxima-se das análises de Bertrand et al. (2018), que identificam a superexploração como uma das maiores ameaças contemporâneas à biodiversidade, sobretudo quando associada à fragilidade de mecanismos de governança local. Embora a caça e a pesca em São João do Cupari sejam predominantemente voltadas à subsistência, a ausência de normas comunitárias formalizadas e de monitoramento sistemático cria um ambiente propício ao uso excessivo, especialmente em contextos de vulnerabilidade socioeconômica. Esse quadro também dialoga com evidências de aumento do esforço de caça e possível redução da fauna em comunidades amazônicas (Damaceno; Ortega; Turci, 2019).

Os dados também corroboram as reflexões de Peres (1999) e Valsecchi et al. (2014), ao demonstrar que a pressão recai principalmente sobre espécies cinegéticas de médio e grande porte, como mamíferos e aves. Essas espécies, por possuírem ciclos reprodutivos mais longos, apresentam maior sensibilidade à exploração contínua. A preferência por paca, veado, queixada e capivara, aliada à captura recorrente de quelônios e jacarés, pode comprometer não apenas as populações-alvo, mas também a dinâmica dos ecossistemas como um todo. Conforme Bello et al. (2015), a redução dessas espécies afeta processos ecológicos fundamentais, como a dispersão de sementes, desencadeando efeitos em cascata que fragilizam o equilíbrio ambiental. Por outro lado, os resultados revelam que a comunidade detém um vasto repertório de conhecimentos ecológicos tradicionais, o que se aproxima das observações de Pezzuti et al. (2018). Os moradores reconhecem a sazonalidade das espécies, interpretam os ciclos hidrológicos e distinguem sinais ambientais que orientam suas práticas, como no caso da localização e proteção dos “tesos” (locais elevados que surgem imediatamente com a baixa do nível do rio e que são utilizados para postura), e a identificação de ninhos “novos” e “velhos” de tracajás, para que não sejam coletados ovos onde os embriões já estão em mais avançado estágio de desenvolvimento. Tais saberes demonstram que não se trata de uma relação predatória desprovida de critérios, mas de um sistema cultural que historicamente buscou equilibrar uso e conservação, como também enfatiza Pezzuti (2009).

Nossos dados evidenciam também uma lacuna entre esse conhecimento tradicional e sua tradução em regras coletivas efetivas. A ausência de um plano comunitário formal de uso dos recursos naturais fragiliza os mecanismos internos de controle, permitindo que decisões individuais se sobreponham ao interesse coletivo. Situações como a coleta integral de ovos em determinadas praias ou o uso irregular de equipamentos de pesca ilustram como práticas isoladas podem comprometer a

sustentabilidade do sistema. Esse cenário reforça a necessidade, apontada por Bertrand et al. (2018), de fortalecer modelos de governança participativa que articulem o saber local com instrumentos de gestão ambiental, perspectiva também defendida por Pezzuti (2009).

Apesar da grande riqueza da local de fauna, nossos entrevistados indicam uma grande preocupação com o desaparecimento, ou diminuição da oferta, de muitas espécies ao longo do tempo, isso sendo associado ao grande crescimento da predação dos próprios moradores da comunidade. Embora haja consciência por grande parte dos moradores, sobre e preservação das espécies, observamos que as práticas de “manejo” (individual, familiar ou comunitário) não está plenamente estruturado ou formalizado entre os moradores da comunidade. Enquanto alguns coletam ovos de todos os ninhos de tracajás em uma praia, outros moradores demonstram maior respeito, coletando exclusivamente de ninhos novos. Sobre esse fato, houve o relato de que “somente coletamos os ovos das covas novas e com ovos branquinhos”, complementado: “as covas velhas a areia tá mais dura, e o rastro da mãe sumiu da praia”.

A experiência exitosa do manejo comunitário de tracajás em comunidades vizinhas, citada pelos entrevistados e respaldada por Pezzuti et al. (2018), demonstra que iniciativas baseadas na participação comunitária podem conciliar conservação e subsistência. O manejo de quelônios, ao integrar monitoramento, proteção de ninhos e educação ambiental, configura-se não apenas como estratégia ecológica, mas também como ferramenta pedagógica e política. Ele fortalece o protagonismo comunitário, estimula a corresponsabilidade pelo território e promove a construção coletiva de regras, transformando a conservação em prática social cotidiana. Nesse sentido, os resultados indicam que a Comunidade São João do Rio Cupari reúne condições socioculturais favoráveis à implementação de práticas de manejo participativo. A sensibilidade dos moradores em relação à diminuição das espécies, aliada à valorização dos ciclos naturais, aponta para um terreno fértil à construção de acordos comunitários. A elaboração de calendários de uso, limites de captura, definição de áreas de proteção e estratégias educativas pode representar um caminho viável para transformar o conhecimento tradicional em política local de conservação, dialogando com propostas de monitoramento participativo como o calendário de caça (Oliveira et al., 2018).

Assim, a realidade observada reforça que a conservação da biodiversidade em territórios tradicionais não deve ser pensada em oposição às práticas culturais, mas construída a partir delas. Conforme defendem Coad et al. (2019) e Pezzuti et al. (2018),

abordagens integradas entre subsistência, cultura e sustentabilidade são mais eficazes do que modelos impositivos externos. A sustentabilidade da caça e da pesca em São João do Cupari depende, sobretudo, do fortalecimento do protagonismo comunitário, da valorização dos saberes locais e da criação de instrumentos coletivos de gestão, capazes de garantir simultaneamente a preservação dos ecossistemas e a segurança alimentar, social e cultural das gerações presentes e futuras. A própria legislação brasileira reconhece a importância cultural e alimentar dessas práticas em contextos tradicionais (Ranzi; Fonseca; Silveira, 2019).

A sazonalidade das espécies de caça também é um aspecto importante destacado nas entrevistas, com diferentes épocas do ano oferecendo distintas oportunidades de caça, o que influencia as preferências dos moradores e os padrões de consumo. Esse padrão está associado às variações hidrológicas e ao comportamento dos animais, pois períodos de cheia e vazante alteram a disponibilidade e a vulnerabilidade das espécies (Pes, 2000; Robinson; Redfor, 1991). Durante as cheias, por exemplo, algumas espécies terrestres tornam-se mais acessíveis por ficarem restritas a áreas menores, como por exemplos os jabutis, que apesar de saberem nada ficam ilhados, enquanto, na vazante, espécies associadas às margens dos rios, como capivaras e jacarés, são mais facilmente capturadas. Quanto à disponibilidade das espécies ao longo do ano, houve divergência nas respostas. Em comum foi mencionado que as épocas de verão e inverno são mais propícias para a caça devido às condições de acesso e comportamento dos animais. Por exemplo, no período das cheias, os jabutis são mais facilmente encontrados devido estarem ilhados em menores porções de terra, diferente de capivaras, que são mais facilmente caçadas enquanto os rios estão baixos e os barrancos mais expostos.

Quanto ao manejo sustentável da caça, percebe-se que, apesar do interesse de muitos, há uma falta de organização e implementação de práticas específicas pela comunidade. Alguns mencionam acordos ou normas, mas muitos reconhecem que essas práticas não são amplamente seguidas. À exemplo, pirarucus somente são pescados enquanto estão restringidos em pequenos lagos, sempre são pescados os maiores e sempre em pouca quantidade, onde exaltamos que estas metodologias somente são possíveis devido o conhecimento dos caçadores/pescadores de categorizar os peixes com base no comportamento e subida à superfície para respirar. A única não-restrição citada foi quanto aos jacarés, que de acordo com os entrevistados tem aumentado de quantidade, e são caçados constantemente.

Em relação ao impacto das preferências de caça sobre as populações das espécies, os entrevistados reconhecem que, se não houver controle adequado, a atividade de caça pode afetar negativamente a biodiversidade local, especialmente se houver caça destinada e as espécies forem comercializadas de forma indiscriminada. Além disso, as entrevistas revelam uma compreensão geral entre os comunitários sobre a importância de implementar práticas de manejo sustentável para garantir a preservação das espécies de caça e manter o equilíbrio dos ecossistemas locais. O manejo de tracajá, uma prática mencionada nas entrevistas, destaca-se como uma atividade crucial para a conservação ambiental e a sustentabilidade das comunidades ribeirinhas. Resgatamos o caso da comunidade Maria de Matias, vizinha à Cupari, onde até 2023 ocorria o manejo comunitário dos tracajás, atualmente supervisionado pelo ICBMio, pelo programa MONITORA, onde a prática vinha sendo desenvolvida com sucesso, refletindo o comprometimento da comunidade com a preservação dessa espécie de quelônio, que é parte integrante do ecossistema e cultura locais. Em 2023, o projeto superou as expectativas iniciais, protegendo 600 ninhos e soltando 10.320 filhotes. O aumento de recursos e maior participação da comunidade foram fatores cruciais para este sucesso. Além disso, a intensificação das atividades de educação ambiental e da colaboração com o ICMBio fortaleceu ainda mais o envolvimento da comunidade (Castro,2023). Segundo Pezzuti et al. (2018), o manejo comunitário de quelônios na Amazônia tem se mostrado uma estratégia eficaz para a conservação das espécies, pois articula o conhecimento tradicional das comunidades locais com práticas participativas de gestão dos recursos naturais, fortalecendo o protagonismo comunitário e a sustentabilidade ambiental.

Segundo os entrevistados, implementar essa prática na comunidade São João do Rio Cupari seria de grande importância, não apenas para a preservação da biodiversidade, mas também como uma forma de fortalecer o vínculo dos moradores com o meio ambiente. O manejo de tracajás envolve o monitoramento das áreas de desova, a proteção dos ovos contra predadores e a criação de programas de educação ambiental que incentivem a participação comunitária. Esta atividade pode ser uma ferramenta pedagógica valiosa, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades de manejo sustentável e consciência ecológica entre os moradores, especialmente as novas gerações. No entanto, há a falta de coordenação e organização, seja local ou institucional, para efetivamente implementar tais práticas na comunidade.

A vida na Comunidade São João do Rio Cupari reflete bem o que Ranzi, Fonseca e Silveira (2019) falam sobre a caça de subsistência na Amazônia. Eles explicam que, apesar de a lei ambiental brasileira geralmente proibir a caça, há exceções legais para populações tradicionais que dependem disso para sobreviver. O Estatuto do Desarmamento (Lei nº 10.826/2003), por exemplo, cria a categoria de “caçador para subsistência”, reconhecendo que, em áreas rurais, caçar é uma forma legítima de colocar comida na mesa da família (Ranzi, Fonseca e Silveira, 2019). Observamos na comunidade que a caça e pesca atuam exatamente desta forma, garantindo a fonte proteíca para as famílias, principalmente quando outros alimentos escasseiam. Como os autores apontam, tratar essas práticas como crime puro e simples ignora os direitos culturais e históricos dessas pessoas, o que pode criar atritos com os órgãos de conservação. Por isso, é essencial ver a caça não como algo ilegal, mas como parte do dia a dia, que dá para regular com foco na sustentabilidade dos recursos naturais. O que registramos na nossa pesquisa se conecta também diretamente com os achados de Damaceno, Ortega e Turci (2019) no assentamento Santa Luzia, em Cruzeiro do Sul, no Acre. Lá, a fauna silvestre é a principal fonte de proteíca para as famílias rurais amazônicas, e a caça serve como estratégia básica de sobrevivência. Eles registraram uns 1.400 animais caçados por ano, com destaque para tatu, paca, veado e jacu – um padrão bem parecido com o que se desenrola em outras comunidades ribeirinhas e extrativistas da região. Na nossa observação, a caça também está ligada à realidade socioeconômica das famílias: renda baixa, o que reforça o lado cultural e nutritivo dessa atividade (Damaceno; Ortega; Turci, 2019). Além disso, os autores notam que o tempo para conseguir caça está aumentando, sugerindo que a fauna local pode estar diminuindo – algo que os moradores da Cupari também comentam. Isso mostra a urgência de estratégias de manejo que envolvam a comunidade e promovam o uso sustentável. São comuns relatos de que nas proximidades tudo já teria sido caçado, e que agora somente com longos deslocamentos até determinados pontos.

A visão de Pezzuti (2009) nos ajudou a melhor compreender a caça e a pesca de subsistência na comunidade. Ele apresenta que, ao longo da história, as populações tradicionais criaram jeitos adaptados de usar a fauna sem acabar com ela, graças à mobilidade, à baixa densidade de gente e ao conhecimento profundo do ecossistema. Entretanto devemos destacar que, quando aspectos externos passam a interferir na rotina, como a sedentarização, aumento populacional, mercados e vendas mais acessíveis e mais

facilidade de acesso às armas de fogo modernas, a pressão sobre os animais cresce, especialmente sobre os maiores, que são mais fáceis de se sobrecaçar. Isso confronta com o que observamos na Cupari, onde a caça e pesca ainda são o pão de cada dia para proteína e sustento familiar. O ponto chave, segundo Pezzuti (2009), é que o problema não é a prática em si, mas a falta de políticas que a reconheçam e incentivem o manejo comunitário. Experiências citadas pelo autor comprovam que envolver as pessoas locais na gestão funciona melhor do que só decretar leis, equilibrando conservação e justiça social. Em suma, as entrevistas destacam a complexidade das relações entre as comunidades locais e a biodiversidade circundante, destacando a importância de uma abordagem equilibrada que promova a conservação ambiental e atenda às necessidades das populações humanas locais. Isso sugere a necessidade de mais educação e conscientização sobre práticas de manejo sustentável e o papel crucial que desempenham na preservação dos recursos naturais para as gerações futuras.

Com base nas entrevistas, foi possível elaborar um calendário preliminar de consumo dos moradores sobre espécies disponíveis na região da comunidade, observase que algumas espécies, como capivara tucunaré e paca, aparecem em quase todos os meses do ano, enquanto outras, como veado e pato, aparecem em épocas do ano específica. Essas sazonalidades podem estar relacionadas ao ciclo das águas, e retrata o conhecimento tradicional dos comunitários que sabem o período de maior abundância dessas espécies. Como Oliveira et al. (2018) destacam, na Amazônia, a fauna não é só comida, é parte da cultura e da economia das populações tradicionais. Embora não tenhamos desenvolvido o Calendário de Caça proposto por eles na pesquisa, essa ferramenta mostra-se valiosa para captar a realidade local, abrindo precedentes para um maior aprofundamento da temática na região, e permitindo registrar de forma coletiva as espécies caçadas, quantas vezes há saídas para caçar, as tentativas que dão errado e o impacto na fauna ao longo do tempo (Oliveira et al., 2018).

Com base nas entrevistas, fica claro que o consumo excessivo da caça e da pesca pela comunidade está causando um grande impacto na natureza, especialmente na diminuição das espécies e na degradação do meio ambiente. As principais razões para o envolvimento excessivo nessas atividades incluem a falta de consciência ambiental, a necessidade financeira e a falta de emprego ou alternativas de subsistência. As soluções propostas pelos entrevistados incluem sensibilização da comunidade, respeito aos períodos de defeso, retirada de práticas prejudiciais como a malhadeira, foco no consumo local em vez da comercialização, manejo sustentável das espécies e implementação de um plano de uso dos recursos naturais da comunidade, respeitando as leis ambientais. A conscientização, a mudança de práticas prejudiciais e o desenvolvimento de alternativas sustentáveis são fundamentais para controlar o consumo excessivo da caça e da pesca pelos comunitários e garantir a preservação das espécies e do meio ambiente. Embora haja um acordo comunitário com a proibição de uso de malhadeiras, armadilhas para a captura de caças as fiscalizações ainda são limitadas. As sugestões dadas pelos moradores incluem: plano de uso, valorização da pesca, caça, a não comercialização para fora da comunidade, e o fortalecimento de ações internas da comunidade. A superexploração dos recursos naturais especialmente nos sistemas pesqueiros costeiros representa uma das principais ameaças à biodiversidade, reduzindo drasticamente as populações de espécies e comprometendo a regeneração dos ecossistemas. Estudos ressaltam que diversas pescarias no Atlântico Sul enfrentam níveis de exploração que excedem a capacidade de recuperação dos estoques, o que intensifica a perda de biodiversidade quando não há governança eficaz, planos de uso participativos e inclusão das comunidades locais na gestão dos recursos naturais (Bertrand et al., 2018; autores de governança comunitária).

As entrevistas revelam uma preocupação genuína com o equilíbrio ambiental e a sustentabilidade das práticas de subsistência da comunidade. A falta de consciência ambiental e as necessidades socioeconômicas emergem como os principais impulsionadores do consumo excessivo de caça e pesca.

Um aspecto positivo é a disposição dos entrevistados em explorar alternativas viáveis e empenhar esforços para promover uma relação mais equilibrada com o meio ambiente. No entanto, essas soluções demandam colaboração entre diferentes partes interessadas, educação contínua e o comprometimento da comunidade em adotar práticas mais responsáveis. A implementação eficaz dessas propostas pode não apenas ajudar a controlar o consumo excessivo de caça e pesca, mas também contribuir para a conservação da biodiversidade e o bem-estar geral da comunidade a longo prazo.

Sobre as técnicas e apetrechos de caça/pesca, pudemos observar que as técnicas de caça mais comuns utilizadas pela comunidade incluem varrida, espera, tocais, cachorros, caniço e malhadeira. A varrida conta no uso de trilhas no meio da mata que são previamente varridas para limpeza, permitindo que o caçador se aproxime mais da caça sem produzir barulho; a espera é o uso de redes, onde o caçador aguarda a aproximação da caça, instaladas a pelo menos quatro metros de altura, sob árvores em floração ou frutificação. Há também o uso dos mutás, também uma técnica de espera,

mas que ao invés de utilizar redes, os caçados aguardam sobre troncos transversais instalados entre árvores; a tocaia, também é uma técnica de espera, onde os caçadores montam uma pequena tenda com galhos e folhas, para se esconderem da caça que se aproxima. As diferentes técnicas de espera são utilizadas para praticamente todos os animais terrestres, como pacas, tatus e veados, enquanto a de tocais é utilizada especialmente na caça de patos; a caça com cachorros é uma caça ativa, onde o caçador e seus cachorros andam pelos ambientes em busca de rastros de cheiro que os cachorros captam e iniciam a perseguição. Esta caça é também menos seletiva, e os cachorros perseguem e encontram todos os animais; O uso do caniço é a pesca ativa por meio do uso de varas, linhas e anzóis, enquanto as malhadeiras são as redes de pesca, passivas e não seletivas. Há também o uso da chama, ou ceva, onde peixes mortos são amarrados e presos no fundo do rio para atrair a caça, em especial o cabeçudo. Essas técnicas são aprendidas por meio de transmissão oral que fazem parte da vida dos moradores da comunidade. No entanto o uso da espingarda e redes de malhadeiras não seletivas representa um risco a sustentabilidade quando não controlada.

Os equipamentos mais utilizados são espingardas, arcos e flechas, arpão (uma vara com ponta com fisga), tapuá (um tipo de arpão sem a fisga) malhadeiras, tiradeira ou espinhel (uma longa corda com anzóis transversalmente distribuídos por todo seu comprimento) e lanternas. Não há métodos específicos de treinamento formal, mas os jovens aprendem com seus pais durante as atividades cotidianas de caça e pesca. Em relação às regulamentações internas ou normas culturais, há um acordo comunitário que proíbe o uso de certos equipamentos, como malhadeiras muito finas (pouco seletivas) e armadilhas, como a chamada bodógue ou trabuco, uma armadilha de arma de fogo e disparo automático com a passagem do animal, embora nem sempre seja cumprido por todos. Essas técnicas e utensílios refletem um conhecimento profundo da fauna local e são essenciais para a sobrevivência e o sustento da comunidade.

A transmissão de saberes tradicionais desempenha um papel fundamental na relação entre comunidades tradicionais e os recursos naturais, pois envolve conhecimentos construídos historicamente a partir da vivência, da observação e das práticas culturais no território. Esses saberes orientam formas próprias de manejo e uso dos recursos, contribuindo para a conservação da biodiversidade e para a reprodução social e cultural dessas comunidades (Diegues, 2000; 2008).

Os desafios enfrentados pela comunidade em relação à preservação da fauna local incluem o uso predatório de certos equipamentos, como malhadeiras na pesca, além da caça excessiva e da falta de fiscalização. É válido ressaltar que o consumo de caça pelas comunidades tradicionais é permitido, entretanto reconhecemos que sua comercialização ilegal é a maior preocupação, pois torna-se predatória e não sustentável. Essas entrevistas destacam a importância de equilibrar a tradição cultural da caça e da pesca com a necessidade de preservação da fauna local e a adoção de práticas sustentáveis. Além disso, as entrevistas revelam uma relação complexa entre tradição cultural, sustento econômico e conservação ambiental. Por um lado, as técnicas e equipamentos, de caça são parte integrante da cultura e subsistência da comunidade, transmitidas de geração em geração. Por outro lado, o uso inadequado desses métodos pode levar à sobre-exploração dos recursos naturais e à degradação do ecossistema local.

A falta de regulamentações eficazes e de fiscalização adequada também emerge como um desafio significativo. Embora haja acordos comunitários para proibir certas práticas prejudiciais, como o uso de malhadeiras, a adesão a essas restrições nem sempre é universal. Isso sugere a necessidade de fortalecer as medidas de governança local e de envolver a comunidade na gestão sustentável dos recursos naturais. A pressão externa, como a comercialização ilegal de espécies selvagens, adiciona outra camada de complexidade aos esforços de conservação. É essencial abordar não apenas as práticas locais, mas também as redes de comércio ilegal que incentivam a exploração desenfreada dos recursos naturais. Em resumo, as entrevistas destacam a importância de uma abordagem holística e colaborativa para enfrentar os desafios de conservação da fauna local. Isso inclui o fortalecimento das regulamentações, o aumento da fiscalização, o envolvimento da comunidade e a promoção de alternativas sustentáveis de subsistência. Ao fazer isso, pode-se encontrar um equilíbrio entre a preservação do patrimônio cultural e a proteção do meio ambiente para as gerações presentes e futuras.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho apresentou uma análise abrangente sobre as práticas de caça de subsistência na Comunidade São João do Rio Cupari, destacando a importância da preservação da biodiversidade local em equilíbrio com as necessidades de sobrevivência das populações tradicionais. Embora tenham sido realizadas diversas entrevistas e levantamentos que forneceram informações valiosas sobre a biodiversidade de caça, as

técnicas utilizadas e o manejo comunitário, alguns dos objetivos não foram completamente alcançados, como o desenvolvimento completo do calendário comunitário de caça.

Em conclusão reforça a necessidade de mais estudos e apoio para garantir a continuidade do trabalho iniciado, visando ao desenvolvimento de práticas de manejo mais eficazes e à sensibilização da comunidade para a importância da conservação da fauna e dos ecossistemas locais. O fortalecimento das iniciativas de educação ambiental e o engajamento comunitário são essenciais para garantir que as futuras gerações possam usufruir de um ambiente equilibrado e sustentável, mantendo a rica biodiversidade da região e a sobrevivência cultural e econômica da comunidade de São João do Cupari.

6. AGRADECIMENTOS

Aos moradores da Comunidade São João do Rio Cupari, que generosamente compartilharam seus saberes, experiências e histórias de vida, e a todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para a realização desta pesquisa, reafirmando a importância do diálogo entre o conhecimento científico e os saberes tradicionais para a promoção da conservação ambiental e do bem-estar das comunidades tradicionais. À gestão da Reserva Extrativista Verde Para Sempre e ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), pela autorização concedida por meio do SISBIO nº 103633-1.

7. REFERÊNCIAS

BELLO, C.; GALETTI, M.; PIZO, M. A.; MAGNAGO, L. F. S.; ROCHA, M. F.; LIMA, R. A. F. et al. **Defaunation affects carbon storage in tropical forests.** *Science Advances*, v. 1, e1501105, 2015.

BERNARD, H. R. **Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches.** 1. ed. Lanham: AltaMira Press, 2006. 821 p.

BERTRAND, A. -S.; GARCIA, J. C.; BAPTISTON, I. C.; ESTEVES, E.; NAUDERER, R. **Caracterização preliminar de caça furtiva no Parque Nacional do Iguaçu (Paraná).** *Biodiversidade Brasileira*, v. 8, p. 19–34, 2018.

BERTRAND, A. et al. **Report on tropical Atlantic marine ecosystem dynamics.** 2018. Documento técnico sobre distribuição e exploração de recursos marinhos. Disponível em: www-ium.univ-brest.fr.

BRASIL. Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. **Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Diário Oficial da União**, Brasília, DF, n. 27, p. 2, 8 fev. 2007.

COAD, L.; FA, J. E.; ABERNETHY, K.; VAN VLIET, N.; SANTAMARIA, C.; WILKIE, D.; EL BIZRI, H. R.; INGRAM, D. J.; CAWTHORN, D. M.; NASI, R. Towards a sustainable, participatory and inclusive wild meat sector. Bogor Barat: Center for International Forestry Research (CIFOR), 2019. 216 p.

DAMACENO, A. B.; ORTEGA, G. P.; TURCI, L. C. B. Uso da caça de subsistência no assentamento Santa Luzia, Cruzeiro do Sul, Acre. *Pubvet*, v. 13, n. 2, a262, p. 1 –8, fev. 2019.

DIEGUES, A. C. O mito moderno da natureza intocada. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

OLIVEIRA, R. D.; CALOURO, A. M.; BOTELHO, A. L. M.; OLIVEIRA, M. A. Calendário de caça na gestão da fauna cinegética amazônica: implicações e recomendações, 2018.

PERES, C. A. Effects of hunting on Western Amazonian primate communities. *Conservation Biology*, v. 4, p. 47–59, 1990.

PERES, C. A. Effects of subsistence hunting on vertebrate community structure in Amazonian forests. *Conservation Biology*, v. 14, n. 1, p. 240–253, 2000.

PEZZUTI, J. C. B. Manejo de caça e a conservação da fauna silvestre com participação comunitária. Belém: NAEA/UFPA, 2009. (Papers do NAEA, n. 235).

PEZZUTI, J. C. B.; ANTUNES, A. P.; FONSECA, R.; VIEIRA, M. A. R. M.; VALSECCHI, J.; RAMOS, R. M. et al. [Título não informado]. 2018.

PEZZUTI, J. C. B.; LIMA, J. P.; DA SILVA, D. F.; BEGOSSI, A. Community -based management of Amazonian turtles: evidence from the Lower Amazon. *Ecology and Society*, v. 23, n. 1, p. 1–10, 2018.

RANZI, T. J. D.; FONSECA, R.; SILVEIRA, R. A legalidade da caça de subsistência no contexto das unidades de conservação na Amazônia brasileira. *Revista de Direito Ambiental*, v. 24, n. 94, p. 273–304, 2019.

ROBINSON, J. G.; REDFORD, K. H. Sustainable harvest of neotropical forest animals. In: ROBINSON, J. G.; REDFORD, K. H. (org.). *Neotropical wildlife use and conservation*. Chicago: University of Chicago Press, 1991. p. 415–429.

APÊNDICES

Apêndice 1. Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido utilizado no trabalho.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, autorizo o uso dos dados fornecidos na entrevista realizada na Comunidade _____, concedida ao acadêmico Mário Batista Souza sobre o tema “*AVALIAÇÃO DA CAÇA DE SUBSISTENCIA NA COMUNIDADE DO SÃO JOÃO DO CUPARI, PORTO DE MOZ, PARÁ*”, orientado pelo prof. Dr. Felipe Bittioli R. Gomes, afim de que seja utilizada **exclusivamente com fins acadêmicos**. Autorizo ainda, o uso de das **Informações ()**, **Imagem (sem rosto) ()** e **Gravações ()**, declarando que ficaram esclarecidos os objetivos da pesquisa, os meus direitos, e se assim pretender e solicitar, que será permitido desistir de participar deste estudo a qualquer momento, sem qualquer prejuízo físico, psicológico, biológico e/ou material.

Por ser verdade, firmo o presente termo de consentimento e esclarecimento.

_____, _____ de _____ 202__.

Assinatura

Apêndice 2. Roteiro de perguntas que conduziram a coleta de dados da presente pesquisa.

ROTEIRO DE PERGUNTAS SOBRE CAÇA NA COMUNIDADE SÃO JOÃO DO RIO CUPARI

BIODIVERSIDADE DE CAÇA E CONSUMO DOS MORADORES

1. Qual é a variedade de espécies de caças presentes na região da comunidade?
2. Quais as espécies mais consumidas pelos moradores?
3. Quais são as épocas do ano em que as principais espécies da caça estão mais disponíveis na região?
4. Quais as espécies preferidas pelos moradores da comunidade?
5. Como a preferência dessa caça afeta a pressão sobre as populações dessa espécie?
6. Existem práticas de manejo sustentável da caça sendo adotado pela comunidade para garantir a preservação da espécie?

CONTROLE DO CONSUMO EXCESSIVO DA CAÇA PELOS COMUNITARIOS

1. Como você enxerga o impacto do consumo excessivo da caça na natureza?
2. Quais são as principais razões pelas quais as pessoas se envolvem na caça níveis excessivos?
3. Quais as alternativas sustentáveis à caça você acha que poderia ser promovida para atender às necessidades da comunidade?
4. De que maneira a educação ambiental pode contribuir para mudar atitudes em relação ao consumo excessivo da caça?

TECNICAS E EQUIPAMENTOS UTILIZAS NA CAÇA PELOS MORADORES DA COMUNIDADE

1. Quais as técnicas de caça mais comuns utilizadas pelos moradores?
2. Quais são os equipamentos de caça mais utilizados pela comunidade?
3. Existem métodos específicos de treinamentos para ensinar as técnicas de caça aos mais jovens na comunidade?
4. Existem regulamentações internas ou normas culturais que orientam o uso de determinados equipamentos ou métodos de caça?
5. Quais os desafios enfrentados pela comunidade no que diz respeito a preservação da fauna local, considerando as técnicas e equipamentos de caça utilizados?

TÍTULO EM PORTUGUÊS

ENGLISH TITLE

TÍTULO EN ESPAÑOL

Nome do Autor

Doutorando em Educação

Instituição: Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Endereço: Estado, País - **Não-obrigatório**

E-mail: exemplo@ufpr.br

Nome do Autor

Doutorando em Educação

Instituição: Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Endereço: Estado, País - **Não-obrigatório**

E-mail: exemplo@ufpr.br

RESUMO

O texto deve ter entre 100 a 250 palavras, descrevendo o resumo do trabalho a ser publicado. RECOMENDA-SE seguir a coerência relacional: considerando (Justificativa/Problema). Objetiva-se (Objetivos). Para tanto, procede-se à (metodologia). Desse modo, observa -se que (Resultados), o que permite concluir que (Conclusão). (Guimarães, 2005).

Palavras-chave: Entre 3 e 5 palavras-chave, separadas por ponto. Por exemplo: Educação. Alfabetização. Indicadores sociais. Políticas públicas. Brasil.

ABSTRACT

The text must be between 100 and 250 words, describing the summary of the work to be published. IT IS RECOMMENDED to follow relational coherence: considering (Justification/Problem). It aims (Objectives). To this end, we proceed to (methodology). In this way, it is observed that (Results), which allows us to conclude that (Conclusion). (Guimarães, 2005).

Keywords: Between 3 and 5 keywords, separated by full stop. For example: Education. Literacy. Social indicators. Public policies. Brazil.

RESUMEN

El texto debe tener entre 100 y 250 palabras, describiendo el resumen del trabajo a publicar. SE RECOMIENDA seguir coherencia relacional: considerando (Justificación/Problema). Tiene como finalidad (Objetivos). Para ello se procede a (metodología). De esta manera se observa que (Resultados), lo que permite concluir que (Conclusión). (Guimarães, 2005).

Palabras clave: Entre 3 y 5 palabras clave, separadas por punto final. Por ejemplo: Educación. Alfabetización. Indicadores sociales. Políticas públicas. Brasil.

1 INTRODUÇÃO

Descrever a contextualização, questão de pesquisa e justificativa da pesquisa fonte Times New Roman 12, espaçamento entre linhas 1,5. No máximo são **8 autores**, caso o artigo tenha mais do que isso, deve entrar em contato com a revista para perguntar sobre a taxa extra de adição de mais um autor.

Com relação a quantidade de páginas, no máximo 20 páginas, já considerando as referências. Os trabalhos podem ser redigidos em Português, Inglês e Espanhol.

No final da introdução, os objetivos do trabalho devem ser claramente delineados, de forma específica e mensurável. Caso deseje, é possível criar um subitem exclusivo para o objetivo. Além disso, é fundamental que sejam formulados de maneira alcançável, garantindo que o leitor compreenda completamente o escopo do estudo e o que será abordado e avaliado.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico em um estudo compreende uma análise crítica e organizada da literatura pertinente ao tema, fornecendo uma contextualização teórica e definindo os conceitos-chave. Deve conter de maneira abrangente as teorias, modelos e pesquisas anteriores, identificando lacunas, contradições e consensos na literatura que são importantes para o foco do trabalho que está sendo desenvolvido.

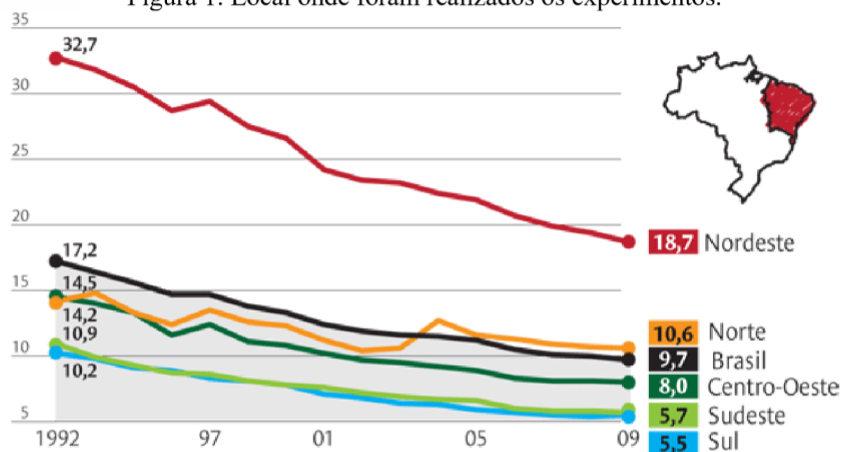
2.1 TÍTULO DAS FIGURAS (QUADROS, TABELAS, ETC.)

O título da figura explica a o conteúdo da imagem de maneira concisa, mas discursiva. A fonte do título deve ser Times New Roman 10, com espaçamento 1,0, centralizado. Numerado com algarismos arábicos de forma sequencial dentro do texto como um todo, precedido pela palavra figura. Ex.: Figura 1, Figura 2, Figura 3, etc.

A fonte de citação deverá ser com espaçamento simples, abaixo da figura centralizada, fonte Times New Roman 10.

Por exemplo figura:

Figura 1. Local onde foram realizados os experimentos.



Fonte: Adaptado de Indicadores de Educação baixam IDH do Brasil | Nova Escola.

Tabela 1. informações do ranking de melhor educação no Brasil.

Nº	Nome do Estado	IDEB 2021	IDEB 2022
1	Ceará	6,3	5,2
2	São Paulo	6,0	5,0
3	Paraná	6,0	4,9
4	Minas Gerais	6,0	4,9
5	Santa Catarina	6,0	4,8
6	Goiás	5,9	4,8
7	Distrito Federal	5,8	4,7
8	Espírito Santo	5,8	4,7

Fonte: INEP, 2022.

Quadro 1. Taxa de aprovação em vestibulares por estado.

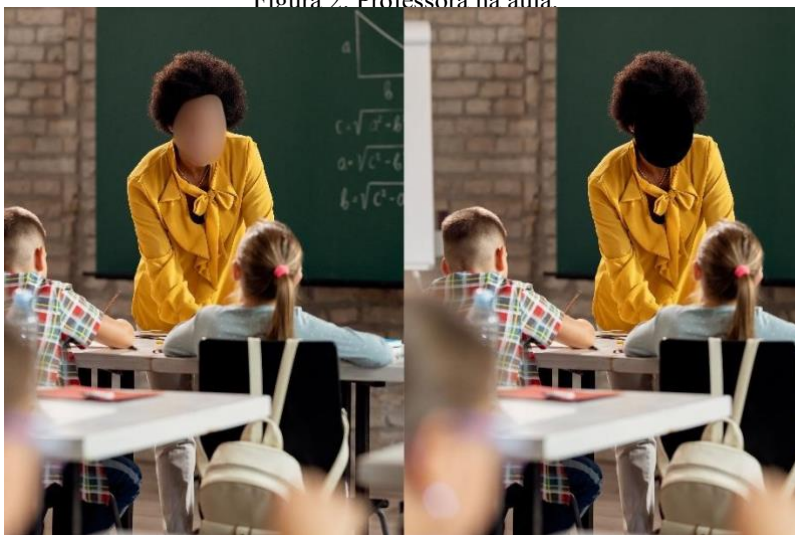
RESULTADO	ESTADO
68% de aprovação	São Paulo
65% de aprovação	Minas Gerais
63% de aprovação	Rio de Janeiro
61% de aprovação	Paraná
60% de aprovação	Rio Grande do Sul
59% de aprovação	Distrito Federal

Fonte: Adaptado de dados do INEP e de Comissões de Vestibulares (2022)..

Figuras censuradas (íntimas), manter as tarjas se o autor mandar assim. mas caso ele não tenha colocado nas partes íntimas, manter como ele mandou. Apenas cuidar com imagem do paciente.

Imagens tirada de pessoas tambem devem ter a tarjas no rosto considerado a proteção da identidade com o respeito à dignidade e à liberdade individual.

Figura 2. Professora na aula.



Fonte: Elaborada pelos próprios autores.

2.2 SUBTÍTULO DE SEÇÕES

Os títulos devem estar em caixa alta, em negrito, fonte Times New Roman , tamanho 12.

Os subtítulos devem estar em caixa alta, sem negrito, fonte Times New Roman, tamanho 12.

Seguindo o exemplo:

Tabela 2. Sequência de formação de títulos	
Tipo	Formato
Título da seção primária	1 INTRODUÇÃO
Título da seção secundária	1.1 TIPO DE PESQUISA
Título da seção terciária	1.1.1 Definição de conceitos
Título da seção quaternária	1.1.1.1 Opções de conceitos
Título da seção quinária	1.1.1.1 Negrito e em itálico
Título da seção senária	<i>1.1.1.1.1 Sem negrito e itálico</i>

Fonte: Brazilian Journal, 2024.

As citações dentro do corpo do trabalho devem seguir as normas da ABNT.

2.3 CITAÇÃO NO TEXTO

O autor deve ser citado entre parênteses pelo sobrenome, separado por vírgula da data de publicação (Barbosa, 1980). Se o nome do autor estiver citado no texto, indica-se apenas a data entre parênteses: Moraes (1995) assinala... Quando se tratar de citação direta (transcrição literal do texto original) especificar página(s), essa(s) deverá(ão) seguir a data, separada(s) por vírgula e precedida(s) de p. (Mumford, 1949, p.513). As citações de diversas obras de um mesmo autor, publicadas no mesmo ano, devem ser discriminadas por letra minúscula após a data, sem espaçamento (Peside, 1927a) (Peside, 1927b). Quando a obra tiver dois ou três autores, separa -se por ponto e vírgula (Oliveira; Leonardo, 1943) e, quando tiver mais de três autores, indica -se o primeiro seguido da expressão *et al.* (Gille *et al.*, 1960). Citações até 3 linhas devem vir entre aspas, seguidas do nome do autor, data e página. Com mais de três linhas, devem vir com recuo de 4 cm na margem esquerda, corpo menor (fonte10), espaço simples e sem aspas, também seguidas do nome do autor, data e p ágina. As citações em língua estrangeira devem ser apresentadas na mesma língua do texto e na chamada de citação apresentar a indicação tradução nossa. Em nota de rodapé apresentar a citação em sua língua original. As expressões latinas (*idem*, *ibidem*, *passim*, *loco citato*, e *sequentia*) assim como a expressão *confira* (Cf.) não podem ser utilizadas em chamadas de citação no corpo do texto. As expressões *apud* e *et al.* podem ser utilizadas no corpo do texto e em itálico . Seguem abaixo alguns exemplos de citações:

2.3.1 Citação direta, com mais de três linhas

Recuo de 4 cm

Tamanho da fonte 10

Espaçamento simples

Deve-se deixar um espaço de 1,5 entre o restante do texto e a citação.

O alinhamento deve ser justificado.

Por exemplo:

Silva (2020, p. 87) destaca que,

[...] o Brasil avançou nas últimas décadas em termos de acesso à educação básica, entretanto, as desigualdades regionais e sociais permanecem significativas. Enquanto alguns estados apresentam indicadores próximos aos de países desenvolvidos, outros ainda enfrentam altos índices de evasão escolar e baixos desempenhos em avaliações nacionais.

2.3.2 Citação direta, com menos de três linhas

Segundo Prunes (2000, v. 2, p. 647 -648) “a inconformidade dos demandantes, sustentado laudo pericial técnico [...]”.

2.3.3 Citação indireta

Quando se faz uma citação indireta, é preciso indicar, inicialmente, o **sobrenome do autor e depois a data de publicação da obra** Não é obrigatória a indicação da página do trecho citado. Veja exemplos de citação indireta com apenas um autor a seguir:

Por exemplo:

Conforme Herculano (2021), para gerar tráfego orgânico é fundamental o uso de técnicas de otimização.

Conforme Herculano (2021, p. 409), o marketing de conteúdo consiste, entre outras coisas, em escrever textos com autoridade no assunto **(exemplo com indicação da página, que não é obrigatório)**.

A visibilidade na internet é, muitas vezes, gerada pelo investimento em marketing digital (Herculano, 2021).

Além disso, deve -se seguir a formatação da Associação Brasileira de Normas Técnicas. Em relação à ABNT, a citação indireta se diferencia bastante da direta, pois deve ser escrita “normalmente”, ou seja, conforme o restante do corpo do texto. Veja a lista de normas:

Fonte Times New Roman;

Tamanho 12;

Espaçamento entre linhas de 1,5;

Inserção do sobrenome do autor e ano de publicação da obra entre parênteses.

Como foi possível visualizar acima, **acitação indireta deve ser escrita conforme o restante do corpo do texto**. A única diferença é somente a “adição” do sobrenome do autor e do ano de publicação da obra entre parênteses.

2.3.4 Citação indireta dois autores

Quando a citação é de vários autores diferentes, é preciso inserir os seus sobrenomes separados por “ponto e vírgula” e seguidos dos anos de publicação da obra. A ordem dos sobrenomes deve ser cronológica e crescente. Veja como deve ser feito:

Por exemplo:

De acordo com diversos autores (Herculano, 1996; Holanda, 2010), o marketing digital é importante para o crescimento...

O marketing digital auxilia o crescimento das empresas (Herculano, 1996; Holanda, 2010).

2.3.5 Citação indireta de várias obras

Quando a citação é do mesmo autor, mas de várias obras diferentes, os anos devem ser separados por vírgulas, como é mostrado abaixo.

Por exemplo:

O marketing digital pode melhorar a comunicação entre marca e público (Herculano, 1996, 2016, 2018).

Conforme Herculano (1996, 2016, 2018), o marketing digital é uma boa estratégia para divulgação de um novo produto.

2.3.6 Citação indireta de mais de quatro autores na mesma obra

Quando uma obra possui **mais de quatro autores**, recomenda-se usar a expressão “*et al.*” ou “*e col.*”, seguida do ano de publicação. Isso serve para não precisar escrever os sobrenomes de todos os escritos do trabalho.

Por exemplo:

De acordo com Herculano *et al.* (2018) A publicação nas mídias sociais é uma nova forma de tornar uma empresa mais visível no mercado.

A publicação nas mídias sociais envolve a inserção de artes no feed e nos stories (Herculano *et al.*, 2018).

2.3.7 Citação do autor com mais de uma obra publicada no mesmo ano

Esse tipo de citação deve ser feita quando são citadas **obras publicadas em anos diferentes do mesmo autor**.

Usam-se letras minúsculas, em ordem alfabética a partir da letra a, logo após a data.

Por exemplo:

As mídias sociais tornam as empresas mais visíveis (Herculano, 1998a).

De acordo com Herculano (1998a, 1998b), as mídias sociais tornam as empresas mais visíveis.

2.3.8 Método de citação numérica

Esse é um método de citação indicado por números, como o nome já diz. Veja o exemplo logo abaixo, conforme a ABNT:

Por exemplo:

Conforme Herculano, o marketing digital é uma estratégia capaz de construir um público-alvo qualificado para a marca (2);

Conforme Herculano, as estratégias SEO podem ajudar no crescimento de uma marca².

3 METODOLOGIA

A metodologia de um artigo delinea os procedimentos empregados para conduzir a pesquisa, incluindo o tipo de estudo, a seleção da amostra, os métodos de coleta e análise de dados, considerações éticas e limitações do estudo. Sua descrição detalhada e transparente é essencial para garantir a replicabilidade e a confiabilidade dos resultados, além de proporcionar uma base sólida para a interpretação e a generalização dos achados.

3.1 EQUAÇÃO E FÓRMULAS

Em meio a um texto, as fórmulas e equações devem ser representadas em linha. Deve-se usar um espaçamento maior, que comporte seus elementos (expoentes, índices e outros); Quando apresentadas fora do parágrafo, são alinhada a esquerda, se houver várias fórmulas ou equações deve -se identifica -las com algarismos arábicos sequenciais ao longo do texto e entre parênteses () na extremidade direita da linha, quando divididas em mais de uma linha por falta de espaço as equações ou formulas devem ser interrompidas antes do sinal de igual “=” ou depois dos sinais de adição, subtração.

Exemplo de equação:

$$d(AB) = \frac{dV}{dH} \times 100 \quad (1)$$

Onde:

d(AB)= declividade expressa em porcentagem

dV= distância vertical (equidistância)

dH = distância horizontal

Exemplo de fórmulas:

$$\begin{pmatrix} 1 \\ 5 \\ 2 \\ 0 \end{pmatrix} = \begin{pmatrix} 1 & 2 \\ 0 & 5 \end{pmatrix} \quad (2)$$

3.2 MARCADORES

Os Marcadores são divisões enumerativas referentes a um período do parágrafo.

Observa-se a seguinte configuração:

- a) o texto anterior ao primeiro marcador termina com dois pontos;
- b) iniciam-se no recuo de parágrafo e são escritas com o entrelinhamento normal;
- c) são enumeradas com letras minúsculas ordenadas alfabeticamente, seguidas de sinal de fechamento de parenteses. Se a quantidade de marcador exceder a quantidade de letras do alfabeto, use letras dobradas: aa), ab), ac), etc.;
- d) o texto do marcador inicia-se com letra minúscula, exceto no caso de começar com nomes próprios, são encerradas com ponto e vírgula, exceto a última que é encerrada com ponto.

Como no exemplo abaixo:

- a) os espaçamentos dos marcadores são de recuo à esquerda de 0,75 por deslocamento de 0,5;
- b) os espaçamentos dos marcadores são de recuo à esquerda de 0,75 por deslocamento de 0,5;

- c) os espaçamentos dos marcadores são de recuo à esquerda de 0,75 por deslocamento de 0,5.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados e discussões de um artigo devem ser apresentados de maneira clara e organizada, com base nos dados coletados e nas análises realizadas durante o estudo. Inicialmente, os resultados devem ser apresentados de forma objetiva e concisa, utilizando tabelas, gráficos e estatísticas, se aplicável, para destacar as principais descobertas. Em seguida, na seção de discussão, os resultados são interpretados à luz da literatura existente, destacando semelhanças, diferenças e implicações para a teoria e prática.

Além disso, são discutidas as limitações do estudo e possíveis direções para pesquisas futuras. É fundamental que tanto os resultados quanto a discussão sejam fundamentados em evidências sólidas e que contribuam significativamente para o avanço do conhecimento sobre o tema abordado.

5 CONCLUSÃO

A conclusão de um artigo deve sintetizar os principais achados do estudo de forma sucinta, destacando as contribuições significativas para o campo de pesquisa. Deve reiterar os objetivos do estudo e resumir as descobertas mais importantes, enfatizando sua relevância e implicação prática ou teórica.

AGRADECIMENTOS

Seção opcional, onde o autor pode agradecer às agências financiadoras, ou outro tipo de agradecimento aplicável.

REFERÊNCIAS

Aqui estão exemplos de referências, fonte e espaçamentos de acordo com as normas da ABNT. Lembre -se de que esses exemplos são simplificados, e você deve adaptá -los conforme as especificações da sua instituição e da norma ABNT mais recente. Com a formatação da fonte Times New Roman, Tamanho 12, Espaçamentos simples e alinhado a esquerda. As referências bibliográficas devem ser colocadas em ordem alfabética.

Livros com apenas um autor

SOBRENOME, Nome. **Título:** subtítulo (se houver). Edição (se houver). Local de publicação: Editora, ano de publicação da obra.

Exemplo:

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2019.

Livro com até três autores

SOBRENOME, Nome; SOBRENOME, Nome; SOBRENOME, Nome. **Título:** subtítulo (se houver). Edição (se houver). Local: Editora, ano de publicação.

Exemplo:

OLIVEIRA, R.; ARAÚJO, L.; SILVA, M. **Educação básica no Brasil: avanços e desafios**. São Paulo: Cortez, 2021.

Livro com mais de três autores

SOBRENOME, Nome *et al.* **Título:** subtítulo (se houver). Edição (se houver). Local: Editora, ano de publicação.

Exemplo:

CARVALHO, J. et al. **Políticas públicas de educação no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2020..

Referência da Constituição Federal ou Estadual

LOCAL. Título (ano). **Descrição**. Local do órgão constituinte, ano de publicação.

Exemplo:

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2022.

Artigo de periódico ou revista

SOBRENOME, Nome abreviado. Título do artigo. **Título da Revista**, Local de publicação, número do volume, páginas inicial-final, mês e ano.

Exemplo:

SOARES, J. **Indicadores educacionais e desigualdade social no Brasil**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 42, n. 155, p. 1-20, 2021.

Artigo em um evento

SOBRENOME, Nome. Título do trabalho apresentado. *In*: **TÍTULO DO EVENTO**, nº do evento, ano de realização, local (cidade de realização). Título do documento (anais, resumos, etc). Local: Editora, ano de publicação. Páginas inicial-final.

Exemplo:

PEREIRA, A. Avaliação da qualidade da educação básica no Brasil. *In*: **CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE**, 14., 2019, Curitiba. Anais. Curitiba: PUCPR, 2019. p. 2334-2345.

Referência de monografia, dissertação ou tese

SOBRENOME, Nome. **Título**: subtítulo (se houver). Ano de apresentação. Número de folhas ou volumes. Categoria (área de concentração) – Instituição, Local, ano da defesa.

Exemplo:

SILVA, M. F. **Políticas públicas para a educação básica no Brasil: avanços e desafios**. 2018. 210 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

ANEXOS

APÊNDICE